



Érika Rominy Santos Rodrigues Souza

Liberdade e Preenchimento com a leitura

Artigo acadêmico apresentado como requisito de conclusão parcial do curso de licenciatura em Letras – Português e Respectiva Literatura Brasileira, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Fabrícia Wallace, do Departamento de Teoria da Literatura da Universidade de Brasília-UnB.

Brasília,
nov de 2014

Liberdade e Preenchimento com a leitura **Érika Rominy Santos Rodrigues Souza***

Os relacionamentos são feitos de envolvimento. O envolvimento com o objeto contemplado desencadeia as sensações, as reflexões e as impressões que compõem as experiências de vida. Entretanto, os compromissos e obrigações da rotina frenética e inflexível do dia-a-dia, fazem com que as pessoas se envolvam com a pressa e, tornem suas ações mecanizadas ou automatizadas. Desse modo, não há um momento de reflexão a respeito do que está à volta, pouco do que elas presenciam, do que sentem ou do que vivem é observado, ponderado ou meditado. Percebo que essa realidade desencadeia um mal social que tolhe a liberdade das pessoas, pois poda a imaginação humana e freia a reflexão individual. Mas, como libertar-se desse mal?

Observo na leitura o meio pelo qual se pode remediar esse “viver embaraçoso” e alcançar essa liberdade e o preenchimento que a sucede. Pois, a experiência particular com o texto, como observa Vincent Jouve em *A leitura*, motiva a fruição do imaginário do leitor e o conduz para uma sensação de liberdade e criatividade. (JOUVE, 2002, p.107).

A leitura é um convite à liberdade criativa do leitor. Depois de aceito o convite à liberdade, a imaginação é acionada a cada sequência de palavras, permitindo a esquiva do mundo real e a concordância com um universo de possibilidades a ser explorado, sentido e preenchido pelo leitor. Nesse sentido, a leitura possibilita ao leitor a liberdade, porque agencia uma experiência fora das imposições do mundo real, de onde ele se esvai, mas volta, para apreender e para confrontá-lo com um novo olhar, pois após ter seu envolvimento com o texto literário, o leitor o “experimentou/experienciou”, sua personalidade foi enriquecida por meio da leitura literária. Deste modo, o processo de leitura enseja além da liberdade e preenchimento, a sensibilidade e, assim, a humanização do leitor.

Nesse sentido, Antonio Candido no texto, *O direito à literatura*, explica a literatura como um meio de humanização e também a reconhece como um direito humano, um bem, a ser satisfeito e garantido pelo Estado. Porém para chegar nisso, o autor faz considerações sobre os direitos humanos e pontua que a sociedade moderna mesmo após de ter alcançando o domínio de técnicas, diferentes saberes e um alto nível de

*Estudante do 9º semestre de graduação do Curso de Letras-Português e Respectiva Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília-UnB. Também é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologias-FACITEC.

racionalidade, ainda se depara com problemas materiais do homem e sociedade, como a fome e a miséria, dentre outros, que se apresentam na contra-mão do progresso do humano. Ele explica que isso se deve por causa da má distribuição de riquezas, do acesso apenas de algumas camadas a bens que deveriam estar acessíveis a todos da sociedade. Entretanto, ele esclarece que a civilização atual detém, como nenhuma outra, todo o aparato de conhecimento necessário para a promoção da igualdade e da justiça social e assim, o respeito aos direitos humanos.

O autor explica que para viver os direitos humanos, o seguinte pressuposto deve ser considerado, reconhecer que o que é indispensável para nós também é indispensável ao próximo.

Entretanto, para respaldar as ideias de que a literatura é humanizadora e também um direito humano, Candido utiliza uma classificação de bens, pensada pelo padre dominicano fundador do movimento Economia e Humanismo, Louis-Joseph Lebret, que caracteriza os bens compressíveis como àqueles supérfluos, tais como, enfeites e cosméticos e, os bens incompressíveis como àqueles que não podem ser negados a ninguém, por assegurarem a sobrevivência e garantirem a integridade espiritual, a exemplo, o alimento, a instrução, a casa e o lazer, estes também ligados aos direitos fundamentais e aos direitos humanos. Contudo, essa é uma divisão pouco precisa, pois a classificação dos bens varia de acordo com a cultura a qual o indivíduo está imerso ou varia também, a partir do que o indivíduo considera, por exemplo, como supérfluo ou essencial.

Mesmo com a dificuldade da classificação de bens, Candido esclarece que o bem incompressível além de assegurar a sobrevivência física em níveis decentes, garante a integridade espiritual e coopera para o equilíbrio social. Por tudo isso o autor avalia que o bem incompressível pode ser considerado um direito humano.

Diante disso ele explana que a literatura, em todas as suas formas poéticas ficcionais ou dramáticas, desde o folclore até suas formas mais complexas, por ser uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos se exprime como uma necessidade humana, da qual “ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi

*Estudante do 9º semestre de graduação do Curso de Letras-Português e Respectiva Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília-UnB. Também é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologias-FACITEC.

parece corresponder a uma necessidade universal”. (CANDIDO, 1995, p.175). Sendo assim, a literatura é entendida como uma necessidade humana universal que precisa ser satisfeita e por isso, considerada um bem incompressível, logo, um direito humano a ser satisfeito em prol da sua capacidade de humanização.

A humanização do leitor proporcionada pela literatura é caracterizada por Candido como

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO,1995, p.180).

Assim, a atuação desse leitor humanizado no mundo se utilizará do conhecimento guardado pela memória, ou seja, suas reflexões embasadas na experiência real unidas com a experiencição obtida por meio de uma leitura humanizadora, o que altera o seu modo de ver a realidade.

Utilizo aqui o verbo experienciar para também inculir a ideia de que a leitura possibilita provar emoções experimentadas por outras pessoas, mesmo fictícias e, vivenciar sensações de estar em outros contextos e situações. Jouve consegue explicar tal processo quando escreve que

Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção. (JOUVE, 2002, p. 109).

Portanto, ao leitor é oferecida a liberdade e o preenchimento por meio da leitura na medida em que ela promove a experiencição e humanização, respectivamente. Nessa mesma obra, o autor expõe o entendimento de Michel Picard, que idealiza “o leitor real como aquele que apreende o texto com a sua inteligência, seus desejos, sua cultura, suas determinações sócio-históricas e seu inconsciente”. (JOUVE, 2002, p.15). Então, a experiência gravada na memória é tanto utilizada quanto nutrida pelo texto. Assim, o leitor

*Estudante do 9º semestre de graduação do Curso de Letras-Português e Respectiva Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília-UnB. Também é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologias-FACITEC.

real, de que fala Picard, lê com a sua memória de curto prazo, pois estabelece pouco a pouco o seu entendimento do texto a partir das informações de cada página lida, construindo seu sentido e, ao mesmo tempo, lê com a sua memória de vida, com a percepção fincada na experiência, até mesmo de outras leituras, para a concretização do sentido da obra contemplada no momento. Jouve (2002, p. 119) registra que “uma única palavra às vezes pode fazer surgir um passado: por meio da leitura, o texto remete cada um à sua história íntima”. Nesse sentido, a libertação está na memória, na imaginação fluida e na intuição para a construção do sentido do texto, a seguir, o preenchimento está na emoção, na vivência, no acumular na memória experiências, ou registrar uma nova percepção de mundo a partir do texto literário.

Um momento de leitura instiga inúmeras sensações e reflexões. Porém, tanto o texto quanto a leitura em si podem ser afetadas negativamente quanto ao seu sentido, pela distância histórica do leitor em relação à obra. Jouve expõe que o leitor contemporâneo da obra restaura sua percepção das coisas por meio da leitura, porque o texto gera deformação sobre os dados do mundo e, que o leitor afastado da obra temporalmente, atenta para recuperar a ocasião histórica do texto. (JOUVE 2002, p. 110). Dessa forma, o autor expõe duas definições de Wolfgang Iser, sendo a primeira, a leitura é participativa, quando o leitor contemporâneo analisa, e se interroga sobre o assunto proposto e, a segunda, a leitura contemplativa, quando o leitor afastado temporalmente, a reaver um momento proposto pelo texto, ainda que de plano de fundo, chega a uma nova visão de mundo que não é a visão do seu tempo. (ISER apud JOUVE 2002, p. 110).

Jouve pontua que “há ‘participação’ quando o leitor transcende a posição limitada que ele tem na vida cotidiana, e ‘contemplação’ quando chega a uma visão de mundo que não é a de seu universo cultural”. (JOUVE, 2002, p.111). Então, pode-se dizer que a participação está para a liberdade, assim como a contemplação está para o preenchimento. Contudo, o preenchimento admitido pela leitura dentro de uma obra literária pode ser incompleto à visão do leitor, cabendo ser completado por meio da leitura de outra obra, pois, segundo Leyla Perrone-Moisés,

A literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura, cada obra nova é

*Estudante do 9º semestre de graduação do Curso de Letras-Português e Respectiva Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília-UnB. Também é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologias-FACITEC.

uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 94).

Por isso é importante considerar leituras já realizadas para a construção do sentido de uma obra contemplada para leitura. Assim como também é importante considerar que obras lidas anteriormente podem ter sua significação à espera de ser concluída ou até mesmo ampliada por uma obra a ser lida futuramente.

A partir disso, a interação entre o texto e o leitor caracteriza a leitura, esta só pode ser concretizada quando um age sobre o outro, em um espaço de liberdade promovido apenas pela leitura. Durante a leitura há uma troca de informações, pois de um lado está o leitor que espera ser representado no mundo fictício e para concebê-lo o lê com sua experiência, enquanto extrai conhecimentos dali. Do outro lado, está o texto que se embasa na experiência do leitor para completar seu sentido.

Quando é confrontado com a diferença, e não com a semelhança, o sujeito tem a possibilidade, graças à leitura, de se redescobrir. O interesse do texto lido não vem mais então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele. (JOUVE, 2002, p.131).

Logo, o texto literário é desvendado e vivido por cada leitor a sua maneira, pois a disposição de palavras está para a imaginação do receptor na tentativa de experimentar algo fora da realidade que o preencha, nessa prova, acaba por compreender melhor o mundo e a si próprio.

De tal modo, a leitura é desafiadora porque exige do leitor imaginação, criação e reflexos na ação de ler. No momento inicial de leitura, o leitor pressupõe um significado para o texto, assim, por reflexo, o simplifica. Mas, ao continuar a leitura pode se deparar com algo que seu conhecimento não entende, então, apenas aproxima o que lê de sua experiência e constrói uma explicação figurada sobre o que leu. Depois, seguindo com a leitura, vendo que sua suposição é um engano, toma para si a verdade do texto, para ressignificar o seu teor. Esse processo de antecipação e simplificação também é exposto por Wolfgang Iser, que nomeia como *protensão*, a espera do que vai acontecer e como *retenção*, a memória daquilo que aconteceu. Logo, Jouve entende que “Por um lado, ao preencher os “vazios” que lhe são próprios, o leitor implica-se no texto. Por outro lado, é

*Estudante do 9º semestre de graduação do Curso de Letras-Português e Respectiva Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília-UnB. Também é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologias-FACITEC.

levado a se distanciar dessas mesmas representações quando o texto as invalida”. (JOUVE, 2001, p.113).

A antecipação e a simplificação e seus desdobramentos legitimariam a relação entre o leitor e o texto no que tange à efetivação da leitura, aqui composta pela libertação e o preenchimento. Na antecipação há liberdade, já na simplificação há o preenchimento. O leitor durante a recepção do texto usa sua liberdade na tentativa de preenchimento quando, imaginando lança interpretações variadas, cria e recria sentidos para significar o que foi lido, até que a leitura da obra seja totalmente concluída e uma interpretação seja criada, ou suspensa até a leitura de uma próxima obra.

Por isso, restringir o texto apenas ao seu conteúdo ou à técnica é tentar quantificar seu potencial de riqueza. Pois ler é pessoal, subjetivo, trata-se de uma junção de expectativas sobre uma sequência de ideias escritas, mas também sobre o que não está escrito, pois existe um ser pensante que lê. Um texto não é só forma ou técnica, seu valor, seu brilhantismo está na originalidade dos esforços para tocar o leitor, provocar sensações, fazê-lo sentir.

Portanto, a leitura proporciona o envolvimento, a libertação e o preenchimento, tal qual foi exposto, por isso é que sua promoção pode contribuir para o aumento de leitores e assim pessoas mais reflexivas, humanizadas na sociedade.

Assim, a leitura é um tipo de relacionamento, entre o leitor e o texto, ambos a serem completados. Para tanto, sua efetividade exige do leitor uma libertação da atuação automatizada e das preocupações do cotidiano e, ao mesmo tempo, uma imersão no universo de possibilidades proposto pelo texto e sempre que possível o conhecimento dos outros textos precursores dele. Desse modo, libertar-se é preencher-se de um conhecimento modificador, capaz de alterar a percepção da realidade, um conhecimento construído, ora antecipadamente, ora retroativamente, recorrendo a experiências acumuladas na memória, para dar significado ao texto literário, ao mundo e a si próprio.

*Estudante do 9º semestre de graduação do Curso de Letras-Português e Respectiva Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília-UnB. Também é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologias-FACITEC.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à Literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ISER, Wolfgang. O A Arte parcial - A interação universalista, **O Ato da Leitura** uma teoria do efeito estético. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JOUVE, Vincent: **A leitura**; tradução: Brigitte Hervor. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KEHL, Maria Rita. **A constituição literária do sujeito moderno**. Geocities. Disponível em <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Kehl6.htm>. Acesso em: 20 nov. 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: **Flores da escrivantina**. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

*Estudante do 9º semestre de graduação do Curso de Letras-Português e Respectiva Literatura Brasileira, da Universidade de Brasília-UnB. Também é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnologias-FACITEC.